

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
CADERNOS DO I. L.

Nº 14

DEZEMBRO DE 1995

## O USO DO ADVÉRBIO DE LUGAR NAS NARRATIVAS INFANTIS

Jerusa Alves Cuty\*  
Ana Maria de Mattos Guimarães\*\*

Este trabalho, apresentado originalmente no VII Salão de Iniciação Científica da UFRGS, visa a analisar o uso dos advérbios de lugar como assinaladores da categoria de espaço em narrativas de crianças estudadas longitudinal e transversalmente dos cinco aos oito anos.

Nele pretende-se realizar uma análise funcional dos advérbios utilizados pelos falantes, procurando estabelecer como é feita a distinção entre "próximo/distante", tendo em vista as relações exofóricas ou endofóricas presentes nas narrativas.

Para tanto, partiu-se da amostra dos dados presentes no *corpus* do projeto **Desenvolvimento da Linguagem da Criança na Fase de Letramento (DELICRI)**, da especulação frente aos dados, a partir de leituras teóricas realizadas em relação aos atos lingüísticos presentes.

Foram analisados dados de 3 crianças estudadas longitudinalmente no Projeto, acompanhando-se sua produção de narrativas pessoais, entre 5 e 8 anos. Para atingir uma maior generalização na amostra, destacaram-se 14 crianças da coleta transversal do mesmo Projeto, 7 com 5 anos e 7, com 8.

### PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Aos 5-6 anos, a criança já é capaz de expressar a noção de lugar da mesma forma que o adulto que lhe oferece o *input* (Melo, 1988). No caso da língua portuguesa, o falante utiliza advérbios de lugar para especificar posições ou situações concernentes aos pontos de fixação do evento de fala. Segundo Melo, há duas maneiras de fazer referência a objetos: descrevendo-os ou nomeando-os, de um lado, e localizando-os, de outro. No primeiro caso, tem-se a descrição ou nomeação feita através de

---

\* Aluna do Curso de Graduação em Letras da UFRGS.

\*\* Professora do CPG/Letras. Pró-Reitora de Extensão da UFRGS.

nomes próprios, descrições definidas, etc. Na localização, a referência pode ser feita em relação a outros objetos, utilizando-se então os advérbios de lugar e os pronomes demonstrativos.

Levinson (1983) argumenta que os advérbios de lugar, assim como os demonstrativos, são palavras dêiticas puras de lugar, e que pensadas com relação direta com o significado da *dêixis*, servem para mostrar ou dirigir a atenção do ouvinte para os aspectos espaciais da situação de fala.

Já quanto à distinção entre "próximo/distante", Melo (1988) apresenta três maneiras convencionais de ocorrência, segundo uma certa gradação:

- a) próximo ao falante - **aqui, cá.**
- b) próximo ao destinatário e distante do falante - **aí**
- c) distante do falante e do destinatário - **ali, lá.**

Se a referência espacial apresentada pelo advérbio de lugar for localizada de modo textual, trata-se de uma referência endofórica; se sua localização necessita de uma referência situacional, tem-se uma referência exofórica. Brown e Yule (1983) consideram que, no caso da exófora, a representação mental é a do que está no mundo real, enquanto que na endófora é a do que está no mundo criado pelo discurso. O esquema a seguir procura demonstrar a distinção entre os termos:

Referência espacial:

Advérbio de lugar → endofórico → anáfora  
→ catáfora

→ exofórico (sem referente textual)

Esses conceitos, considerados dentro de um contexto pragmático, é que irão ajudar o ouvinte/leitor a uma interpretação adequada dos dados.

### ANÁLISE DOS DADOS

Neste trabalho, foi feito um levantamento dos marcadores de espaço na narrativa oral das crianças dos cinco aos oito anos.

Observaram-se os advérbios com referente textual (endofóricos), empregados anafórica ou cataforicamente, e os advérbios com referentes situacionais (exofóricos), com uso puramente dêitico.

Os exemplos a seguir mostram que as crianças tendem a utilizar com maior frequência os advérbios **lá** e **aqui**, reforçando a idéia de gradação no sentido de marcar a distância espacial entre o lugar onde se encontra o falante e o ouvinte, e o mundo criado pelo discurso. Temos no exemplo 1:

1. GAB: "é que eu (es)tava **lá** nas fe [//] férias daí eu [//] eu (es)tava **lá** na boate com o meu primo né@i # daí a gente (es)tava comendo batata-frita"

Fica claro com o trecho acima, que o uso do primeiro advérbio **lá** estabelece o uso exofórico, em que o advérbio de lugar é identificado com a terceira pessoa (local distante), em oposição à localização do falante e do destinatário (aqui = local da entrevista). Na seqüência o segundo **lá** funciona cataforicamente, estabelecendo claramente uma relação endofórica.

Em outro caso, uma criança utiliza o advérbio de lugar estabelecendo uma representação mental do mundo real em que os advérbios **lá** e **aqui** (esse **aqui**) funcionam como dêiticos, definindo o local na relação direta com o momento da enunciação:

2. ALE: "eu tinha um vidro no chão né@i e minha mãe me empurrou sabe [: sabes]?"  
INV: "sei."  
ALE: "pra **lá** e [//] e ãhn@i eu resbalei no vidro bem na pontinha... **aqui esse aqui** só machucou um pouquinho e o outro só deu um raspão."

Nota-se o uso dos advérbios **lá** e **aqui** sem um referente textual, numa relação exofórica, mas apontando uma gradação de distância.

No trecho que segue (exemplo 3) o falante cria uma relação endofórica a partir dos advérbios contidos no discurso:

3. ROG: "e eu subi # daí lá em cima tinha uma casa né@i e eu < fui indo > [/] fui indo até lá # daí entrei # lá coloquei a bicicleta num canto entrei tomei uma água daí peguei a bicicleta de novo fui ... daí o meu irmão (es)tava ali na rua."

Vemos que o primeiro advérbio **lá** funciona cataforicamente com relação ao referente "em cima tinha uma casa" e os seguintes **até lá** e **entrei lá** são exemplos de anáfora. Em todos os casos, a criança quer mostrar que o local a que o sujeito se refere (uma casa indeterminada) fica distante. Já o advérbio **ali** (na rua) está numa posição entre **aqui** e **lá**, e não deixa clara a distinção entre "próximo/distante". De qualquer modo, assinala uma posição espacial intermediária entre **lá** (na casa) e **aqui** (onde se situa atualmente o falante).

As tabelas a seguir mostram a evolução do uso de advérbio de lugar, considerando a sua produção em narrativas pessoais das crianças em duas faixas etárias: cinco e oito anos. As primeiras tabelas mostram o desenvolvimento longitudinal de três crianças; a segunda apresenta o desenvolvimento de um número maior de sujeitos: comparando-se a produção dos três informantes estudados longitudinalmente com sete outras crianças da coleta transversal. Em todas as tabelas, explicita-se a forma como as crianças estabeleceram a referência espacial, se exofórica ou endoforicamente.

#### Ocorrência de advérbios de lugar - coleta longitudinal

##### Alessandra

	Uso	Endofórico	Exofórico
5 anos	Aqui	—	100%
	Lá	100%	—
8 anos	Lá	—	100%
	Aqui	—	100%

##### Carmela

	Uso	Endofórico	Exofórico
5 anos	Aqui	—	—
	Lá	100%	—
8 anos	Lá	100%	—
	Aqui	100%	—

##### Gabriel

	Uso	Endofórico	Exofórico
5 anos	Aqui	—	—
	Lá	—	100%
8 anos	Lá	—	—
	Aqui	85,7%	14,2%

Tomando-se, pois, a produção de referências espaciais em dois momentos de evolução de crianças, constatou-se o seguinte quadro:

	Uso endofórico	X	exofórico
5 anos	50% (4 casos)		50% (4 casos)
8 anos	68,7% (11 casos)		31,2% (5 casos)

Se tomados os dados em seu conjunto, pode-se verificar uma evolução da preocupação da criança em sinalizar a seu ouvinte a localização da referência espacial, pela maior utilização de referências endofóricas. Individualmente, entretanto, o quadro nos aponta que uma das crianças (Alessandra) mantém um forte uso exofórico mesmo aos 8 anos de idade.

Acrescentando-se os dados de 14 crianças da coleta longitudinal (7 em cada faixa etária), obtém-se o seguinte quadro:

#### Tabela das ocorrências dos advérbios de lugar (longitudinal e transversal)

	Uso	Endofórico	Exofórico
5 anos	Aqui	—	100%
	Lá	77,7%	22,2%
	Ali	100%	—
8 anos	Aqui	100%	—
	Lá	79,1%	20,8%
	Ali	50%	50%
	Cá	—	100%

O conjunto de dados nos leva aos seguintes percentuais, em que se acentua o decréscimo de uso exofórico aos 8 anos:

	Uso endofórico	X	exofórico
5 anos	61,5% (8 casos)		38,5% (5 casos)
8 anos	77,1% (27 casos)		22,8% (8 casos)

Evolutivamente é possível perceber que as crianças tendem, aos oito anos, a situarem textualmente o referente espacial num percentual maior do que aos cinco anos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fechamento dessa breve análise é importante enfatizar que embora vários estudos mostrem que as crianças usam elementos lingüísticos para marcação de referência espacial desde cedo, é preciso olhar esses dados sob a ótica de determinantes pragmáticos específicos das funções discursivas internas.

Como afirma Hickmann (1995) e como se pôde comprovar em nossos dados, é precisamente o uso plurifuncional dos advérbios de lugar que é adquirido mais tarde (por volta de oito anos), quando diminuem significativamente os primeiros usos dêiticos ancorados no aqui e agora da situação de fala. "A mudança da exófora para a endófora parece ser o principal processo pelo qual as crianças se tornam capazes de deslocar a referência com sucesso e, mais generalizadamente, a usar o discurso como um novo tipo de contexto no qual ancora seus enunciados quando necessário."

### BIBLIOGRAFIA

BROWN, G. & YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 1983.

HICKMANN, M. *Discourse organization and the development of reference to Person, Space and Time*. In : FLETCHER, P. & MACWHINNEY, B. *The handbook of child language*. Oxford: Blackwell Pub, 1995.

LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 1983.

MELO, T. *Aspectos dêiticos da fala espontânea do adulto e da criança*. *Letras & Letras*. 4(1 e 2): 67-86, jun/dez 1988.